

Entrevista com Milos Forman

por Michel Ciment (Cannes, 1971)

Para o tipo de cinema que você faz, filmar em um país estrangeiro deve colocar problemas específicos e difíceis de resolver.

Eu não fui para os Estados Unidos por motivos políticos ou financeiros, mas pela aventura que isso representava. Os Estados Unidos, para mim, são o país do cinema, assim como o Egito é o país das pirâmides ou a Grécia é o país das esculturas. Eis o desafio de realizar um filme lá. Não tendo ido por necessidade, eu estava livre para ser impertinente. Felizmente, encontrei muitas dificuldades para fazer o projeto, o que me permitiu viver em Nova York durante mais de um ano e aprender melhor a língua, que é o principal problema, pois acho que as pessoas são mais ou menos semelhantes em todo o mundo. Assim, do mal – essa espera que me deixava louco – resultou um bem, como geralmente acontece.

O roteiro de “Procura Insaciável” passou por várias etapas.

A colaboração com Jean-Claude Carrière aconteceu quase por acidente. Ele estava no México, eu em Nova York, e pedi que parasse para me ver quando estivesse voltando para a França – já éramos amigos. Naquela época, eu estava fazendo pesquisas sem realmente saber qual seria o assunto do filme. Encontrava jovens do Greenwich Village e seus pais. Jean-Claude me acompanhou nessas visitas, discutindo comigo sobre nossas experiências – de repente, percebemos que estávamos trabalhando juntos! Assim fizemos o primeiro tratamento literário do roteiro.

Mas, é claro, era preciso que eu tivesse a colaboração de um americano. Trabalhei com um jovem diretor que acabara de concluir o curso de cinema na Universidade de Nova York, John Klein, de cujo filme de diplomação eu gostara. Ele deu forma ao roteiro. A essa altura, a Paramount tinha desistido do projeto. Depois, quando a Universal o encampou, eu quis fazer muitas mudanças e recorri a John Guare, autor de uma peça que eu acabara de ler e apreciara muito.

A busca dos filhos por seus pais era o assunto desde o início?

No começo, eu achava que o filme abordaria principalmente os filhos, mas quanto mais trabalhava mais me interessava pelos pais. Os filhos me aborreciam. Não queria casos extremos – adolescentes entregues à heroína, violentados ou mortos. Eu me ligava mais nos jovens de classe média que, em noventa por cento dos casos, enfiavam-se em Greenwich Village só para fugir de casa. Era tudo o que os movia e, a partir do momento em que se encontravam lá, podiam ficar dias no apartamento de um amigo sem fazer nada, olhando o teto, escutando música, ocasionalmente fumando um baseado e transando.

Os personagens ativos, porém, são os pais. São eles que começam a se mexer, é em sua casa que as crises familiares explodem, eles é que são interessantes de serem observados. A primeira coisa a chamar minha atenção, pouco depois de ter chegado à Nova York, foi o assassinato de dois garotos no East Village. O caso não era apaixonante – todos os dias acontecem fatos como esse – mas eu tinha lido uma entrevista no jornal com o pai da garota, um sujeito muito rico. Isto foi apaixonante, ver que os filhos levavam uma vida dupla, em casa e no Village. O pai acreditava que a filha era estudante, que tinha um cotidiano normal. Também os pais levavam vida dupla, escondiam da filha a crise por que estavam passando. Lendo a entrevista, percebia-se até que ponto cada um deles – o pai e a filha – era simpático e quanto, porém, podia existir de desentendimento entre eles, quão profundo era o abismo que os separava e o quanto podiam magoar-se mutuamente.

Esse drama me parecia muito mais interessante do que se eu opusesse bons e maus. Além disso, eu não me sentia capaz de julgar quem quer que fosse. O aspecto biológico é o mais importante no conflito de gerações, muito mais que o econômico, o social, o político e o filosófico. Esses garotos têm muitos ideais e nenhuma experiência. Seus pais têm muita experiência e nenhum ideal. O que é melhor e como julgar? Você quer ficar do lado da ingenuidade dos ideais ou do cinismo da experiência? Não prefiro nem um, nem outro.

Como você encontrou os atores?

Mais uma vez, foi útil esperar bastante tempo, pois eu tinha todo o elenco na cabeça quando a Universal acertou o projeto. Sabia que acabaria dirigindo esse filme, e tinha reunido uns trinta nomes de jovens encontrados no centro de Nova York e também na frente do teatro Fillmore, no Village. A metade deles foi proibida de me encontrar, porque seus pais eram paranóicos demais e eu os compreendo, tendo em vista a quantidade de filmes pornôs que havia em Nova York! Eu conhecia Buck Henry, mas não sabia que era ator de cinema. Ora, pensei nele para o papel do pai e resolvi contratá-lo. Ele era desinibido, descontraído, preciso, realmente perfeito, com um senso de humor sutil. Pensei em Lynn Carlin, depois de ter visto “Faces”, de Cassavetes. Eu tinha notado Georgia Engel, a mulher loura do vizinho no começo [do filme], em um anúncio publicitário na televisão, e Paul Benedict alguns meses antes, na peça de Jules Pfeiffer, “Murder in the White House”. [O ator que interpreta] o vizinho não é profissional. Professor na Universidade da Carolina do Norte apareceu, um dia, propondo-me um roteiro de um de seus amigos; sua personalidade me agradou. Finalmente, Audra Lindley, a outra mãe, foi a única atriz que descobri de última hora, numa seleção – uma das coisas mais horríveis que conheço, muito mais impiedosa que na Europa, é como um matadouro. Eu estava banhado de suor e sorrindo de tanto constrangimento por vê-las chegar saindo do cabeleireiro, a cada cinco minutos, esforçando-se por parecerem amáveis e prontas a me ouvir dizer “a próxima”, sem a menor consideração pessoal. Assemelhava-se à seleção de jovens cantoras que aparece no filme. A montagem rápida recria o pesadelo dessas sessões. Sinto-me compadecido por essas garotas. Sei que apenas uma é escolhida. É a competição que existe atualmente. Colocamos um anúncio de duas linhas, “Estamos procurando cantoras para um filme”, em dois jornais, Village Voice e Newsday. Recebemos mais de mil respostas! E elas vieram, todas essas garotas frustradas, de 15, 16, 17 anos, prontas para agarrar a menor chance que lhes permitisse se afirmar. Muitas não

são bonitas, nem sabem cantar, mas estão ali, diante do microfone, esperando o milagre. A maioria dos pequenos papéis é desempenhada por amadores, no filme.

Em seus dois primeiros longas-metragens, “O Ás de Espadas” e “Os Amores de uma Loura”, você acompanha um personagem central, enquanto em “O Baile dos Bombeiros” e “Procura Insaciável” há uma multidão de personagens.

É verdade. Embora, para mim, a mãe e o pai sejam o núcleo do filme. Mas, sabe, nunca trabalhei tanto em um roteiro. Não existe improvisação nessa etapa. Gosto de improvisar dentro das cenas, mas elas já estão construídas. Meus atores não conhecem o roteiro e não podem preparar nada. Chegam ao set virgens como uma folha de papel em branco. A primeira coisa que faço com eles é improvisar sobre um tema. De vez em quando, acontece alguma coisa interessante que acabo utilizando. Depois, voltamos ao roteiro para representar a cena tal como foi escrita, incorporando o achado que resultou da improvisação. No começo, a importância do casal Buck Henry-Lynn Carlin era maior, mas pouco a pouco, enquanto escrevia o roteiro, sentia-me melhor quando conseguia me afastar deles por algum tempo. Pude então introduzir alguns personagens secundários: como a garota do violoncelo, que queria trabalhar no filme. Quando perguntei se era atriz, ela respondeu que era violoncelista. Tinha estudado por anos e se perguntava o que poderia fazer para as pessoas ouvirem tocar o instrumento. “Talvez eu devesse tocar nua”, acrescentou, e eu lhe disse: “Vamos lá”. Isso mostrava a tragédia da arte em nossos dias. Se você for um virtuose do violoncelo, é preciso que toque nu para chamar atenção. Eu não teria colocado essa cena aparentemente insólita no filme se ela não tivesse uma ligação com a realidade, que foi essa conversa com a jovem instrumentista.

Algumas pessoas o censuram por desprezar seus personagens, mostrá-los feios e estúpidos. Eu mesmo o critiquei por isso – e me arrependo um pouco – em relação a “O Baile dos Bombeiros”.

Não sei como isso se exprime na tela, não é minha função julgar. Mas posso dizer que pessoalmente gosto de todos eles, sinceramente. E, quando me acusaram de ser cruel filmando a seleção das garotas, na verdade, eu apenas me concentrava em filmar uma realidade cruel existente. Acontece o mesmo em “O Baile dos Bombeiros”! Você me censurava por não desenvolver, além dos bombeiros, personagens mais importantes, como os políticos. Inicialmente, preciso lhe dizer que a ideia de uma metáfora só nos ocorreu, a Passer e a mim, quando escrevíamos o roteiro. Além disso, eu acho que o sistema está doente, não os homens. Os homens do governo não são melhores nem piores que os bombeiros. Qualquer indivíduo, colocado numa posição de poder, fosse nos bombeiros ou no governo, iria se conduzir da mesma maneira e provocaria os mesmos resultados trágicos.

Encontramos novamente, em “Procura Insaciável”, seu interesse pela música, já presente em seu primeiro filme, “Concurso”.

Foi uma experiência feliz. No início, eu queria filmar as audições ao vivo, mas não pude fazê-lo por questões de direitos, porque as garotas cantavam os mais recentes hits. Tive que pedir, então, que trouxessem suas próprias

canções e fiquei pasmo com o talento que se encontra nas ruas. No total, havia seis ou sete cantoras que poderiam estar nas paradas de sucesso. Eram canções íntimas e melancólicas, muito diferentes das canções de protesto de dois ou três anos antes